



PROJETO ACERVO: INFORMAÇÕES HOSPITAIS COLÔNIAS

1 - Nome da Instituição: Colônia Santa Marta - Goiás

2 - Histórico:

A colônia surgiu em outubro de 1937, quando o Senador Canedo vendeu para o Estado uma área de 73 alqueires, como consta em escritura. Senador Canedo era portador de hanseníase e, naquela época, ele seria obrigado a se internar em alguma colônia. No Brasil existiam colônias em Minas Gerais, Maranhão e São Paulo. Como o Senador Canedo era um homem rico e possuía muitas terras, vendeu essa área para o Estado, firmando um acordo: eles construiriam a colônia ali e ele não precisava ir para outro lugar para se internar, permaneceria em sua fazenda, que era naquela região.

A colônia foi fundada em janeiro de 1943, com a vinda de uma equipe mineira, comandada pelo Dr. Mário Puri, formada por quatro médicos, um biomédico e uma enfermeira. Em setembro do mesmo ano, juntou-se a essa equipe o Padre Rodolfo Tellman e três irmãs vicentinas: Irmã Mourão (coord.), Irmã Luiza Ventura e Irmã Natália.

Nesta época tudo era muito precário, cozinha era a céu aberto, tinham nove pavilhões lotados, com até cinco pacientes em cada quarto. Os curativos eram realizados com os pacientes sentadas na calçada. Havia também um número enorme de crianças com hanseníase. Posteriormente, foi construída uma escola na Colônia, onde estas crianças freqüentavam, vestindo uniformes feitos de sacos de açúcar, tingidos de azul e camisetas brancas, feitas de sacos de farinha.

Até o fim da década de 50, só existiam tais pessoas para prestarem todo o serviço que a colônia necessitava, e o número de pacientes só aumentava.

Quando uma pessoa era identificada como portadora da doença, fazia-se diligência para buscar o doente e sua família, num carro Ford, que recebeu o nome de "onça". O medo e o pavor de ir para um lugar

desconhecido fazia com que os doentes não fossem para a Colônia espontaneamente, sendo assim, caçados e acomodados na “onça”.

A Colônia foi dividida em duas alas: ala dos doentes e ala dos sadios. À medida que o indivíduo doente chegava, passava-se pela ala dos sadios, para que fosse feita uma triagem, e era levado para o isolamento. Os familiares, principalmente as crianças, que eram suspeitos, ficavam isolados por dias ou até que a doença fosse diagnosticada.

O isolamento chamava-se “observação”. Neste local, os pacientes aguardavam a sentença ‘sadio’ ou ‘doente’. Se doente, iam para o leprosário; se sadios, eram liberados, mas marcados e perseguidos pela discriminação. As crianças sadias eram separadas dos pais e encaminhadas a uma casa no bairro Fama, o Preventório Afrânio de Azevedo”.

Muitas lágrimas foram derramadas, ante o drama da separação de mães e filhos, esposos e esposas, familiares e amigos. Tanto choravam os pacientes quanto os funcionários, que nunca se acostumavam com o sofrimento daquelas pessoas que perdiam tudo, emprego, família e eram obrigados a viverem reclusos.

A dor do estigma era tão forte que, naquela época, chegou a levar dois pacientes a buscarem a morte, através de envenenamento.

Com o passar do tempo, novas direções, novos profissionais, novas construções e a Colônia ganhou ares de “cidade”, com prefeitura, cadeia, escolas, clube e bares, isolada da “cidade sadia” pelas telas e grandes touceiras de erva-cidreira.

Entre os internos, novos laços afetivos foram se formando e as crianças que nasciam desse relacionamento eram retiradas dos pais, no mesmo dia do nascimento e levadas para o Preventório Alfredo de Azevedo, administrado pela Sociedade Eunice Weaver. Segundo livro de registro, de 1943 a 1949, 207 crianças foram levadas para o Preventório. E, de 1959 a 1960, 135 crianças foram para lá.

Devido à localização distante e ao preconceito, os funcionários se viam na necessidade de morar perto da Colônia, fato que fez surgir casas ao redor do Hospital.

Pela generosidade de fazendeiros das proximidades, havia alimentos em abundância e até os funcionários eram beneficiados com essas doações.

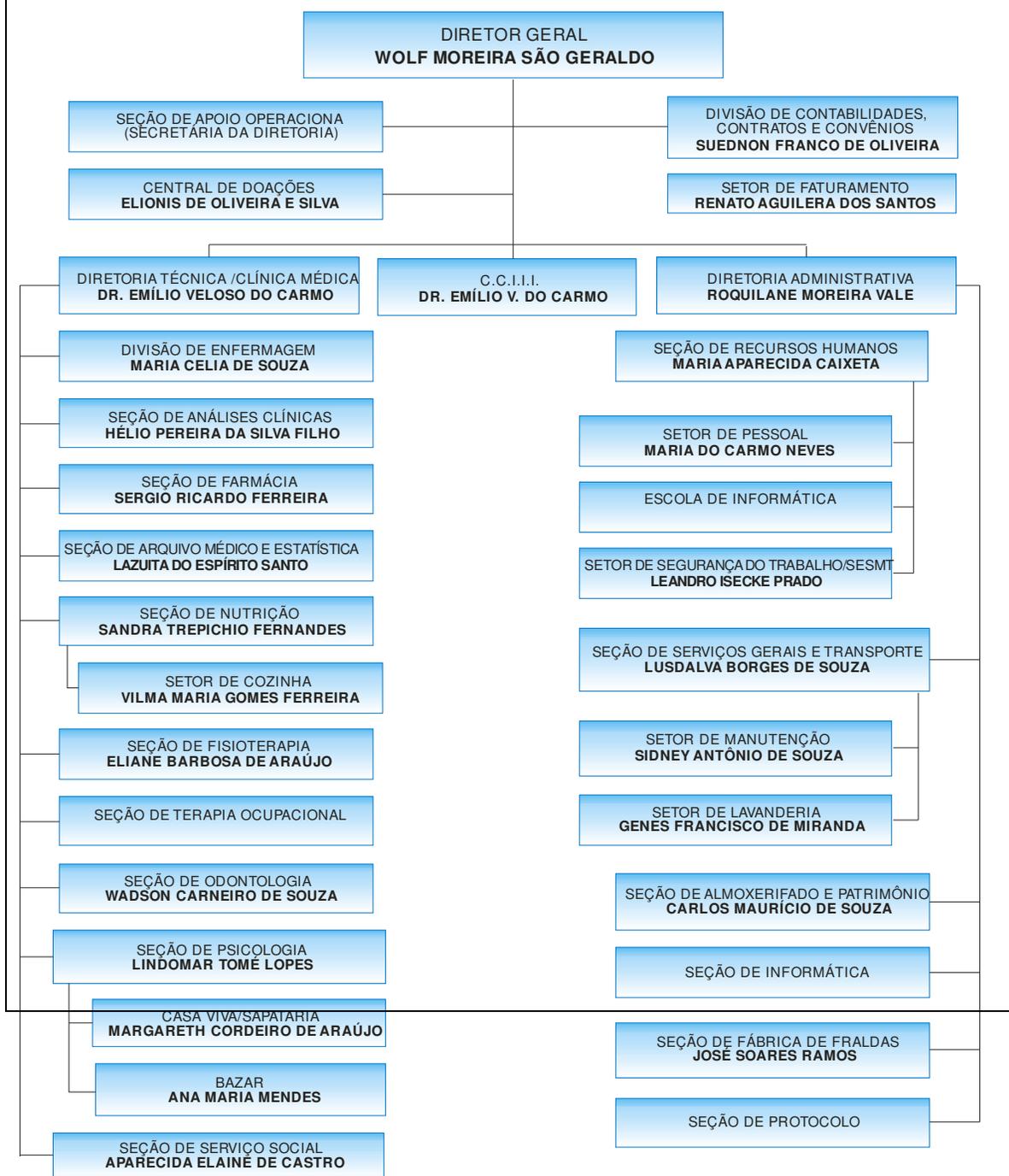
Os pacientes que iam se recuperando, saíam do Hospital e pavilhões e iam para as casas construídas dentro da “Zona de Perigo” da Colônia, e ali passavam a residir por não conseguirem se reintegrar à sociedade e aos familiares. Posteriormente, passaram a ocupar a Vila São João e Margarida Procópio, áreas que foram cedidas pela Colônia, para que os pacientes fizessem suas casas e lá fossem morar, para que pusessem fim às colônias. Porém, muitas pessoas construíam e depois vendiam suas casas, voltando para a Colônia. Do terreno total da Colônia, 73 alqueires, restam hoje, 23.

3. Situação Atual:

A Colônia Santa Marta é hoje o Hospital de dermatologia Sanitária e Reabilitação Santa Marta – HDS, atuando nas áreas de medicina, nutrição, biomedicina, psicologia, serviço social, odontologia e fisioterapia. Possui fábrica de fraldas, farmácia, sapataria, bazar e casa de artesanato.

O atual diretor, Sr. Wolf Moreira de São Geraldo, que está na administração há um ano, está comandando reformas, que buscam a preservação da estrutura física da Colônia, com apoio do IPHAN, e seguindo as leis de acessibilidade. Estão para serem inaugurados: a Rádio da Colônia e a reforma do hospital.

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO HDS - SANTA MARTA



Existe na Colônia Santa Marta:

- 96 pacientes no pavilhão da enfermaria;
- 64 casas com 147 moradores;
- 31 chácaras com 104 moradores;
- 145 moradores, próximo à Colônia, são atendidos e buscam medicação na Colônia.;
- 247 funcionários.

INFORMAÇÕES DOCUMENTAÇÃO & MEMÓRIA

4 – Tipo de documentação:

(x) textual (x) Iconográfica (x) bibliográfica () oral

() outra: especificar: _____

5 – Quantidade aproximada de documentação: (unidades; caixas de arquivo, volumes: *especificar ao máximo*)

1. Textual: 16
 2. Iconográfica: 7
 3. Bibliográfica: 01
 4. Oral: _____
 5. Outra: _____
- () Quantidade desconhecida

6 – Há algum tipo de trabalho de preservação?

() sim (X) não

– A comunidade da Colônia conhece o trabalho que vem sendo realizado:

(x) sim () não

14.1. A comunidade está envolvida no trabalho:

(X) sim () não

Os moradores da Colônia conhecem o trabalho e estão colaborando com o projeto, disponibilizando todo material histórico que possuem.

15. Existe um trabalho de recuperação da memória dos moradores da Colônia através de História Oral?

sim

não

O livro: “A vida é um Engenho de Passagens” – Eguimar Felício Chaveiro
Existe também um documentário, cujo responsável, não conseguimos localizar. Os moradores da Colônia sabem da existência desse filme, mas não têm o telefone ou o endereço da pessoa responsável. A única informação que temos é que ele se chama Belém.

16. Existe algum trabalho sobre a história da Instituição? (acadêmico, institucional, etc)

sim

não

17. Informações Adicionais:

Não existe trabalho de preservação da história, a não ser da estrutura física, que a administração está tentando recuperar. Mas, os documentos foram (praticamente todos) queimados pelos antigos diretores. Na administração, encontramos somente um livro de arquivo com o registro das crianças, que eram levadas para o preventório (incompleto) e a escritura de venda do local da Colônia. O restante do material foi encontrado com alguns moradores. Não existe um local reservado para se guardar a documentação. Existe arquivo morto, de prontuários médicos, guardados no sótão, mas o acesso não é liberado. A administração não quer que ninguém toque neles, por falta de conhecimento em relação ao bacilo.

Houve boa receptividade da direção e interesse no projeto, que aceitou disponibilizar um local (museu, memorial) para a possível apresentação da história da Colônia à comunidade.

Ainda estamos buscando, através de entrevistas com os moradores, a história oral e possíveis documentos guardados em suas casas.

Material encontrado até agora:

Textual:

- 1- Listagem dos moradores das casas e chácaras da Colônia Santa Marta – 1989;*
- 2- Folha de pagamento de Remuneração de Internados, de janeiro a junho de 1966 (com nome cargo, salário e assinatura dos internos);*
- 3- Instruções para a execução das normas de controle da hanseníase, baixados pela Portaria Ministerial, nº165, de 14 de maio de 1976;*
- 4- Lista com a Relação dos Moradores do H.D.S. Santa Marta – Área Asilar e Comunitária – 03/11/2004;*

- 5- *Legislação sobre o controle de doenças da área de dermatologia sanitária – Ministério as Saúde, 1983;*
- 6- *Escritura original da terra pertencente à Colônia, 1971;*
- 7- *Estatuto do H.D.S. e Reabilitação Santa Marta, 1998;*
- 8- *Desenho do terreno e dos pavilhões;*
- 9- *Cartilha do Ministério da Saúde – Educação em Saúde, Módulo III – Divisão Nacional de Dermatologia Sanitária, 1988;*
Balancete de Despesas da Prefeitura da Colônia do ano de 1988;
- 10- *Dossiê da Vida da Irmã Natália (sem data);*
- 11- *Relatório da Colônia Santa Marta (sem data);*
- 12- *Portaria nº1.073/6M de 26 de setembro de 2000, Ministério da Saúde;*
- 13- *Instruções Normativas – Regulamento referente à Portaria GTNDS, 1991.*
- 14- *Na Atlas of Leprosy – Sasa Kaura Memorial Health Foundation, 1983;*
- 15- *Livro de Registro das Crianças Levadas para o Preventório Alfredo de Azevedo (1943 a 1960, com um intervalo em branco, no período de 1949 a 1959).*

Iconográfico:

- 1- *Foto da Igreja;*
- 2- *Foto da escola com alunos;*
- 3- *Foto dos moradores;*
- 4- *Foto da construção da igreja evangélica;*
- 5- *3 fotos da colônia.*

Bibliográfico:

- 1- *CHAVEIRO, E.F. _ “A vida é um Engenho de Passagens” – Projeto Deus – Menino do Pirulitagem, Goiás, 2005.*

Responsável pelas informações prestadas:

Wolf Moreira de São Geraldo e moradores da colônia.

Carla Julia Letti: carlajulia06@hotmail.com

Ligia Valle Brito: ligia@ueg.br